

Conversações do VIII ENAPOL

ASSUNTOS DE FAMÍLIA, seus enredos na prática

Buenos Aires • Setembro 2017

9. A Construção da adolescência e as Tribos urbanas

Responsável EBP: Eneida Medeiros Santos

Participantes: Oscar Reymundo, Patrícia Bichara

Problematizando a ideia contemporânea de que tudo é construção e artifício significante, semblante, podemos afirmar que a adolescência também é uma construção. Por um lado, há um momento da vida do ser falante que, na cultura, se chama adolescência, momento da vida que começa com a puberdade e com o real das metamorfoses biopsicológicas que ela comporta. Por outro, coloca-se em questão a elaboração singular, do um por um, de uma posição diante dos diversos enigmas implicados no encontro com o sexo nesse “despertar dos sonhos”,¹ quando o adolescente encontra com o real da inexistência da relação sexual, fazendo com que tal despertar nunca seja satisfatório – quer dizer, que sempre seja mal sucedido. A construção da adolescência não se faz sem seus tempos lógicos: o instante de ver, com os ritos de iniciação, e o tempo de compreender, tempo esse que pode ficar aberto a uma inflação imaginária e prolongar-se infinitamente, impossibilitando qualquer solução de continuidade, qualquer corte que pudesse marcar o fim de um tempo na vida dos sujeitos, o antes e o depois da adolescência.

Assim, porque falamos em construção, podemos pensar no tempo necessário à construção de uma resposta ao enigma da sexualidade, que abre espaço tanto para a invenção sexual quanto para um esforço de enunciação. Justamente em torno desse esforço, Cristina Drummond vai dizer que:

[...] o adolescente busca maneiras de lidar com os novos modos de satisfação que emergem em seu corpo e muitas vezes o recurso que conta são suas fantasias, já que sua experiência indica uma falta no saber. Sem essa elaboração de saber o sujeito fica exposto a uma exigência pulsional que o leva muitas vezes a atuar. Na busca de dizer

¹ Lacan, J., Prefácio a *O despertar da primavera. Outros escritos*. Rio de Janeiro: Zahar. 2003, p. 557.

esse gozo sem nome, muitas vezes o adolescente se apoia na língua para nela introduzir algo de novo como a invenção de neologismos ou novas formas de dizer.²

Drummond cita como exemplo Clara, “fanática por *fanfics*, que sempre a introduz na escrita desse novo vocabulário amoroso onde as parcerias ‘chipam’. Ela lança mão da escrita e da leitura ininterruptas, buscando palavras para o que não se escreve, mas pode se inventar no seu esforço de enunciação”.³

A adolescência é a crise. Ela testemunha a derrocada das ideologias, das grandes narrativas, do enfraquecimento do Nome-do-Pai – não seu desaparecimento, mas seu enfraquecimento. Isso tem efeitos profundos de desorientação. Eles se fazem sentir mais nos adolescentes de hoje e menos nos velhos, que ainda se beneficiaram de uma ordem simbólica funcionando com mais evidência. Da mesma forma, se ela pode ser pensada como a construção de uma metáfora da puberdade, que produz um corte, também é fato que essa metáfora fracassa. Ela fracassa por sua própria condição de metáfora, pois há uma impossibilidade estrutural de passar todo o gozo do sexual para o campo simbólico, de metaforizá-lo por completo. Em consequência disso, a adolescência sempre está:

[...] acompanhada de uma dor privada, íntima e subjetiva, atestando que, ao mesmo tempo em que nela se celebra as virtudes do pluralismo, da tolerância e do relativismo do mundo contemporâneo, nela também se experimenta uma verdade que só se oferece no sofrimento do um sozinho⁴.

² Drummond, C., Adolescência: um esforço de enunciação. Disponível no site do XXI Encontro Brasileiro do Campo Freudiano: <https://www.encontrobrasileiro2016.org/criastinadrummond-enunciacao/> Acesso em: 12 jul. 2017.

³ *Ibidem*. Note-se também que, no artigo “Interpretar a criança”, Miller vai nos dizer que Lacan, fazendo referência ao grafo do desejo, afirmava que “a criança está, em suma, inteiramente capturada no jogo entre as duas linhas”, os dois patamares do grafo, para diferenciar o jogo entre o “eu” do enunciado e o “eu” da enunciação. Ou seja, a criança é primeiro contada, para então, poder se contar. Nesse mesmo artigo, Miller também toma o exemplo proposto por Lacan no *Seminário II*: “tenho três irmãos, Paul, Ernst e eu”, para dizer que ele, primeiramente, não consegue se “descontar”, conta-se como um na série, na classe dos irmãos, não consegue distinguir o que ele é como um sozinho. O sujeito da enunciação é justamente o um sozinho, aquele que fala e se conta, “que se contabiliza e ao fazê-lo não está mais no espetáculo do mundo”. Miller, J.-A., Interpretar a criança. *Opção Lacaniana* N° 72. Mar. 2016. São Paulo: Eólia, p. 13.

⁴ Castro, S. de., O que se escreve e o que não se escreve no grafite? *Ação Dobradiça em revista 10*. Disponível em: <http://ebp.org.br/acaodobradica/conversacoes-intercambio-com-a-cidade-no10-o-que-se-escreve-e-o-que-nao-se-escreve-no-grafite-sergio-de-mattos/>. Acesso em: 12 jul. 2017.

Falar de crise da adolescência é falar da falência dos significantes mestres, das identificações, bem como do Outro que institui o universal. É também ajustar o foco nas crises que se instalam nos grupos, pois, nessa espécie de vacilação dos significantes organizadores dos coletivos, muitas vezes, o gozo passa a ser o único elemento prevaiente em determinados grupos.

Os adolescentes estão nos laços sociais. Eles têm diante de si a difícil tarefa de construir respostas múltiplas e diversas às angústias geradas pelo pertencimento a um grupo. Essas angústias podem conduzi-los, na pior das hipóteses, ao isolamento fóbico ou empurrá-los até grupos em que imperam a ordem de ferro superegóica e a pulsão de morte. Tome-se, por exemplo, o grupo dos participantes do jogo “Baleia Azul”, que se espalha por todo o mundo através da internet enquanto apregoa que, como objetivo final, cada jogador deve acabar com a própria vida. Diante dos desdobramentos desse jogo, podemos confirmar aquela asserção lacaniana de que, quando o pai está morto, nada mais é possível.⁵ Ou seja, apesar dos palpites iniciais de que, não existindo pai no mundo contemporâneo, qualquer coisa seria possível, sem o limite da morte, numa espécie de permissividade absoluta, ao fim e ao cabo, vemos justamente o contrário, que, quando o pai está morto, o sujeito fica sem nenhuma alternativa, nenhum ponto de fuga, restando-lhe apenas obedecer cegamente ao mandamento desse S_1 insensato e, então, ultrapassar o limite da morte.

Apesar disso, as tribos também podem ser uma das respostas para a crise da adolescência. Elas são formas de organizações coletivas que, além de serem próximas das saídas possíveis para os sujeitos adolescentes, são próprias dos sujeitos contemporâneos como um todo, são formas de comunitarismos próprias da dispersão democrática da nossa época. Elas se caracterizam por abalarem as identificações⁶ possíveis no plano do simbólico.

⁵ Lacan, J., *O Seminário, livro 5. As formações do inconsciente*. Rio de Janeiro: Zahar. 1999, p. 510.

⁶ Na medida em que Lacan aposta, especialmente no momento do ensino clássico, na supremacia do significante sobre o significado, as identificações são sempre identificações ao significante, isto é, ao núcleo combinatório de cadeias de onde emergem significados e que, enquanto tais, concentram um *quantum* de gozo. Desse modo, Lacan se afasta das correntes filosóficas que compreendem as identidades nos termos da igualdade a si mesmo, pelo viés imaginário. Ao mesmo tempo, as narrativas identitárias – por mais que se pretendam originais –, pela psicanálise, também se sustentam em função das relações com o Outro, em uma sorte de alienação aos significantes do Outro, bem como de assunção, por parte dos sujeitos, de algum *traço* que, pelo menos inicialmente, era do Outro. Por outro lado, como lembra Miller, em seu curso chamado *Silet*, se a psicanálise de orientação lacaniana se pauta pela deflação dos aspectos fálicos da identificação, ela tampouco deixa de considerar que a verdadeira constante do sujeito se encontra no plano do gozo.

Podemos pensar, então, que esses comunitarismos se caracterizam por identificações débeis a significantes que não conseguem organizar o mundo de maneira forte e duradoura. Em fins da década de 40, Lacan se interessou pelos grupos de Bión e, partindo disso, escreve seu texto sobre “a psiquiatria inglesa e a guerra”. Nele, destaca-se a fantástica invenção de um grupo, um grupo pequeno não orientado pela liderança de um chefe, mas por algo mais pragmático e imediato. Eram os grupos criados por Bión no momento pós-guerra. Lacan se beneficiou disso ao propor uma forma de grupo que é tão cara a sua Escola: os cartéis. Os cartéis funcionam na mão contrária à postulada por Freud em *Psicologia das Massas*, que está pautado pela identificação vertical dos membros ao chefe, como no exército e na igreja. Os cartéis, tanto quanto os grupos de Bión, funcionam relativamente bem por uma homogeneidade decorrente da identificação horizontal. A solidariedade entre seus membros não opera pela via de um Ideal, de uma identificação vertical, apoiada na premissa do para-todos. Trata-se, diferentemente, de algum tipo de laço que opera e consegue fazer frente ao mal-estar da identificação com o mestre. São grupos que conseguem ser instrumentos de luta contra o universal cego e preservar a singularidade do Um, a singularidade dos seus sujeitos.

Então, como podemos pensar essas novas formas de agrupamentos que vemos se proliferarem tão rapidamente em nossos tempos e na vida dos adolescentes, as tribos urbanas? Podemos dizer que elas possuem uma estrutura semelhante àquela preconizada por Lacan quando ele cria os cartéis e àquelas de Bión nos seus grupos do pós-guerra? Se sim, quais são as singularidades da subjetividade contemporânea que se fazem sentir nas tribos urbanas? Até que ponto elas interessam aos psicanalistas como formas eficazes e singulares de pensar as amarrações e desamarrações dos sujeitos, especialmente os adolescentes. Quer dizer, até que ponto elas podem ser pensadas como instrumentos para a construção da adolescência?

Ensaando algumas respostas, podemos pensar que as tribos urbanas nos interessam por introduzirem um interessante elemento presente nos grupos de Bión: o *pathos*, o elemento que evidencia o sintoma. Nos grupos criados por Bión, ao lado dos agrupamentos dos civis e dos militares – que constituem universais –, tem-se o grupo dos neuróticos, daqueles sujeitos que não se encaixam, são os desidentificados, os desajustados, os que não têm

lugar no mundo e que, por isso, acabam criando uma defasagem, um elemento do real na formação dos grupos que tem a potência de preservar a singularidade dos sujeitos.⁷

Michel Maffesoli,⁸ sociólogo francês de nossa época, cunhou o termo “tribos urbanas” ou “neotribalismo” ou apenas “tribos” como uma metáfora das novas formas de ajuntamento social, um novo vínculo social que surge na pós-modernidade nas grandes cidades contemporâneas. Para ele, as tribos urbanas são vínculos que surgem a partir da emoção compartilhada ou do sentimento coletivo, cujo cimento que agrega as pessoas é o que ele chama de “nebulosa afetual”. Essa metáfora, a das tribos urbanas, pode delimitar um espaço concreto, mas também pode ser uma “cosa mentale”, como ele diz. Pode ser um território simbólico, qualquer que seja sua ordem, mas que nem por isso é menos real. Essas novas formas de organização se criam a partir do pertencimento em comunidades que se interpenetram, nas quais os membros se reconhecem. Ainda assim, ao mesmo tempo, essas comunidades não constituem um todo universal. Elas acolhem os modos singulares de como cada membro “delira [individualmente] em um espaço que [no entanto] não cessa de ser comum”.⁹

Maffesoli enuncia o neotribalismo através dos seguintes aspectos: pela fluidez, pelas reuniões pontuais e pela dispersão, mas não pela necessidade de agregação a um grupo, família ou comunidade. Estas condensações instantâneas e pouco estáveis são objetos de grande investimento emocional, superando inclusive o princípio de individualização. Nesses micro-grupos, a socialidade é marcada pela multiplicidade de experiências e de ações. As pessoas que os compõem podem evoluir de uma para outra tribo. São as multidões esportivas, multidões de turistas, multidões de desocupados, os adeptos do *jogging*, do punk, do *look* retrô, o bom moço elegante, punk, Kiki, funk, os frequentadores de um café, etc. As pessoas se concentram em tribos, ao redor de fatos menores ou maiores da vida cotidiana, mas que são vividos pelos fatos mesmos, sem qualquer outra finalidade.

⁷ Barros, R. do R., Sobre grupos. Texto editado por Marcus André Vieira a partir de duas conferências apresentadas para o coletivo de trabalho do Digaí-Maré nos dias 29 mar. 2007 e 17 mai. 2007. Disponível em: http://ea.eol.org.ar/04/pt/template.asp?lecturas_online/textos/rego_barros_sobre.html/ Acesso em: 12 jul. 2017.

⁸ Maffesoli, M., *O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa*. Rio de Janeiro: Forense Universitária. 1998.

⁹ Laurent, E., O que é uma psicanálise orientada até o real? *Resonancias*. Revista de Psicoanálisis del Nuevo Cuyo N° 3. Buenos Aires: Grama (s/d), p. 29. Livre tradução feita pelo autor do presente texto.

O recuo do político que vivemos acompanha a formação dessas numerosas tribos contemporâneas, dessa espécie de tribalismo que se baseia, ao mesmo tempo, no espírito da religião (*re-ligare*) e no localismo, que Maffesoli chama de proxemia.¹⁰ No tribalismo, há uma recusa em reconhecer qualquer projeto político futuro e comum, pois tem-se como única razão preocupar-se com um presente vivido coletivamente. Trata-se de um mergulho numa ambiência e não mais no desejo ardente e inabalável de estar de acordo com o grupo:

Tanto no que diz respeito ao conformismo das gerações mais jovens, à paixão ela semelhança, nos grupos ou “tribos”, aos fenômenos da moda, à cultura padronizada, até e inclusive isso que se pode chamar de *unissexualização* da aparência, tudo nos leva a dizer que assistimos ao desgaste da ideia de indivíduo dentro de uma massa bem mais indistinta¹¹.

O neotribalismo reflete a pluralidade viva constitutiva do contemporâneo, levando em conta a diversidade e a heterogeneidade de nossas sociedades. Nesse sentido, as tribos urbanas podem cumprir a função de ajudar na difícil tarefa de construção da adolescência, constituindo alguma borda para esses sujeitos que estão num momento tão desbussolado, para o gozo que transborda e, com isso, evitando o empuxo à pulsão morte. Elas podem cumprir a função de suplência à queda das referências e serem boas parceiras quando houver o despertar dos sonhos. São questões essenciais para se levar em conta quando, como psicanalistas, nos deparamos com essa nova forma de se fazer laço, pois, “se a psicanálise está presente em sua dimensão de efetividade social é enquanto instrumento de luta contra a morte que opera na civilização”,¹² e que ela possa ser tomada da mesma forma que, no dizer de Lacan, é a Escola para os psicanalistas, como “uma base de operações contra o mal-estar na civilização”.¹³

Marina é uma adolescente, mulher trans de 17 anos, com sérios problemas familiares, em função de sua orientação sexual. Ela participa de um grupo de jovens trans dedicados a uma atividade artística. O grupo constitui para essa adolescente um verdadeiro espaço de contenção do complexo e sofrido processo de produção de uma nova identidade sexual,

¹⁰ Maffesoli, M. *O tempo das tribos...*, *op. cit.*, p. 60.

¹¹ *Ibidem*, p. 92.

¹² Laurent apud Barros, *op. cit.*, p. 10.

¹³ Lacan, J., Ato de fundação. *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Zahar. 2003, p. 244.

que inclui a transformação de seu corpo e a produção de uma imagem feminina – algo que muito apaziguamento lhe proporciona.

Contudo, ela pede ajuda a um analista porque se dá conta de que nessa tribo “há um limite duro” para o tratamento de uma questão que gera muita angústia nela. Até o momento da consulta, a única coisa que tinha recebido de vários membros da tribo era o julgamento do seu comportamento perante sua dificuldade. Acontece que um rapaz conhecido, a quem ela respeita pelas suas ideias, começou a se aproximar dela com a clara intenção de namoro e essa demanda a coloca em uma situação que muito a confunde porque, de um lado, ela gosta da ideia de namorar com esse rapaz, mas, de outro lado, ela se depara com a questão de que a imagem feminina não é suficiente para responder sexualmente. Isso demonstra a função de acolhimento e de contenção do sofrimento que uma tribo pode oferecer para um adolescente, mas, por outro lado, mostra também um limite, aquele em que o adolescente esbarra quando é convocado a articular uma resposta singular perante sua posição sexuada. Philippe Lacadée usa os seguintes termos ao comentar uma pesquisa realizada no âmbito do CIEN, na França, com uma comunidade Hip Hop, muito interessante e bastante instrutiva para este trabalho:

De toda essa diversidade, deduzimos a hipótese de que existe, nesse movimento, a constituição de uma língua que permite ao adolescente de hoje, agarrar seu modo de dizer, seu modo de ser, com essa fala inédita. Trata-se de uma maneira precisa de alojar seu ser na língua e de colocar ali sua voz. Trata-se de uma prática da enunciação que constrói um tipo particular de língua. Essa língua fecunda, define uma comunidade... O Hip-Hop leva à estabilização de uma língua e favorece a integração de modos de expressão em lugares em que reinavam práticas de ruptura, de exclusão, de rejeição... O grafite e o *rap* servem como pontos de agrafe de toda uma juventude que tem dificuldades com as identificações. O *rap* instaura, para muitos, um ponto de ancoragem, um ponto de identificação que Lacan designava como um significante mestre – “*eu faço rap (je rappe), logo existo*” – que serve como apoio a esses adolescentes [...] O *rap* é então abordado como um modo de tratamento do gozo. Ele implica um S_1 irreduzível e um S_2 que dá o contexto no qual esse significante mestre se aplica... se trata de recolher o que o *rap* permite a cada sujeito dizer, o que é nomeável e inominável, pelo uso do nome próprio que ele constrói, graças à língua da comunidade.¹⁴

¹⁴ Lacadée, P., A esperança da adolescência: “delicada transição” e elemento de novidade. Caldas, H. (Org.), *Errâncias, adolescências e outras estações*. Belo Horizonte: EBP. 2016, pp. 54-55.

E Lacadée continua:

O *rap*, para muitos, instaura um ponto de ancoragem, um ponto que, tendo valor de identificação, serve para fixar no ser humano uma identidade que lhe serve de ponto de apoio. É um verdadeiro S_1 a partir do qual ele consegue se fazer respeitar. Ali onde era vivido como dejetado, rejeitado, como objeto *a*, ao agarrar-se a um significante, ele encontra uma certa dignidade.¹⁵

Se, para Marina, o grupo a que pertence esbarra num limite a sua questão sobre o sexo, em relação a Clara e aos Rappers, estamos diante de bons exemplos de como o pertencimento a uma tribo pode dar tratamento ao gozo e favorecer um esforço de enunciação e de produção de uma identidade, diferente do que ocorre aos integrantes de outras tribos. Clara, ao utilizar-se do seu vocabulário novo, faz um esforço de enunciação, enquanto que os adolescentes que sucumbem às ordens insensatas do “Baleia Azul”, por exemplo, passam ao ato, por não encontrarem algo que modere o gozo mortífero.

Bibliografia

Barros, R. do R., Sobre Grupos. Disponível em:

http://ea.eol.org.ar/04/pt/template.asp?lecturas_online/textos/rego_barros_sobre.html/

Acesso em: 12 jul. 2017.

Castro, S. de., O que se escreve e o que não se escreve no grafite? *Ação Dobradiça em revista 10*.

Disponível em: <http://ebp.org.br/acaodobradica/conversacoes-intercambio-com-a-cidade-no10-o-que-se-escreve-e-o-que-nao-se-escreve-no-grafite-sergio-de-mattos/> Acesso em: 12

jul. 2017.

Drummond, C., Adolescência: um esforço de enunciação. Disponível em:

<https://www.encontrobrasileiro2016.org/criastinadrummond-enunciacao/> Acesso em: 12 jul. 2017.

Lacan, J., *O Seminário, livro 5. As formações do inconsciente*. Rio de Janeiro: Zahar. 1999.

Lacan, J., Prefácio a *O despertar da primavera. Outros escritos*. Rio de Janeiro: Zahar. 2003, pp. 557-559.

Lacan, J., Ato de fundação. *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Zahar. 2003, pp. 235-247.

¹⁵ *Ibidem*, p. 57, cf. nota 23.

- Laurent, E., O que é uma psicanálise orientada até o real?. *Resonancias*. Revista de Psicoanálisis del Nuevo Cuyo N° 3. Buenos Aires: Grama (s/d), pp. 15-43.
- Maffesoli, M., *O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa*. Rio de Janeiro: Forense Universitária. 1998.
- Miller, J.-A., *Silet. Os paradoxos da pulsão de Freud a Lacan*. Rio de Janeiro: Zahar. 2005.
- Miller, J.-A., Interpretar a criança. *Opção Lacaniana* N° 72. Mar. 2016. São Paulo: Eólia, pp. 13-19.
- Lacadée, P., A esperança da adolescência: “delicada transição” e elemento de novidade. Caldas, H. (Org.), *Errâncias, adolescências e outras estações*. Belo Horizonte: EBP. 2016, pp. 36-59.